

RESENHA

A diplomacia do Marechal: intervenção estrangeira na Revolta da Armada, por COSTA, Sérgio Corrêa da. Brasília: FUNAG, 2017. ISBN 978-85-7631-708-1

Resenhista:

Murilo Vilarinho¹

Faculdade de Ciências Sociais
Universidade Federal de Goiás
Goiânia – Goiás - Brasil

Sérgio Corrêa da Costa foi um importante diplomata brasileiro de carreira, que atuou, inicialmente, como Consul adjunto em Buenos Aires, na década de 1940. Ele experienciou postos em Roma, Londres, Washington e outras capitais do mundo. Ao final de sua trajetória profissional, ele representou o Brasil como delegado nas sessões da Assembleia Geral da ONU, em Nova Iorque, entre os anos 1963 e 1982.

Intellectual reconhecido, inclusive pela Academia Brasileira de Letras, Sérgio Corrêa da Costa se especializou e se aprofundou em história da diplomacia, para a qual produziu trabalhos sobre D. Pedro I, bem como Marechal Deodoro, Floriano Peixoto, Questão de Letícia e outros marcos primordiais para a compreensão da historiografia brasileira das relações internacionais, que permearam o final do século XIX e momentos iniciais da República Velha, quando a arquitetura Republicana estava sendo projetada.

Relançado, em sua terceira edição, pela Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), a obra *A diplomacia do Marechal: intervenção estrangeira na Revolta da Armada* se configura como escrito significativo, haja vista que se trata de um clássico para a diplomacia e revela as nuances do regime republicano recém-instaurado, quando Deodoro toma o poder nacional e Floriano assume como vice-presidente, depois segundo presidente do Brasil.

A reedição da obra feita pela FUNAG é devido ao cinquentenário da posse do diplomata Corrêa da Costa como secretário-geral das Relações Exteriores do Brasil, posto mais alto da chancelaria nacional. A reedição é um modo de prestigiar uma das obras de Corrêa da Costa, que auxiliou a formação de gerações de jovens diplomatas recém-ingressos nas fileiras do Itamaraty, bem como a produção intelectual do próprio diplomata, a qual pode ser considerada importante dada a quantidade de relatórios,

¹ murilochv@yahoo.com.br

livros, palestras e discursos que foram produzidos e proferidos no decorrer de sua vida à frente do Ministério de Relações Exteriores.

O livro referencia momentos de grande relevância para a compreensão da história diplomática brasileira, pois busca identificar as principais ações militares que levaram à implosão da monarquia no trópico e a Revolta da Marinha em contraposição às disposições autoritárias do chefe da nova república, Floriano Peixoto, Marechal de Ferro e consolidador do novo regime.

Ao longo do escrito do diplomata Corrêa da Costa, fica destacada a participação dos Estados Unidos da América em favor da manutenção republicana, uma ode à democracia e à civilização, ação que representou uma contrapartida aos revoltosos da Armada, que, ao ameaçarem bombardear a capital federal da Baía de Guanabara, almejavam a volta da monarquia, entendimento que encontrava ressonância nos ideais conservadores europeus, no passado reinol do Velho Mundo.

A obra é composta por 41 capítulos, nos quais há presença responsável da pesquisa de Corrêa da Costa, quem fez uso de documentos oficiais do Itamaraty, bem como em fontes estrangeiras presentes em arquivos do exterior das nações que auxiliaram a conter o evento Revolta da Armada. Fruto de abordagem bibliográfica, o livro é dotado de um manancial de indícios que inteligentemente consegue estabelecer o significado de projeto florianista de República, o ideal de Estado e o motivo diplomático e estratégico da participação de países como os Estados Unidos na dissidente Revolta da Armada.

No que concerne aos capítulos do livro relançado, apesar de extensos, são necessários para a discussão do amplo escopo temático. Há, dessa forma, prefácios das edições anteriores, uma seção denominada “Visão do conjunto”. Há, ainda, uma introdução, na qual são dispostos Capítulo I “O nascimento da República” e Capítulo II “Perfil de Floriano”. Na primeira parte, descrita como “Floriano e a Revolta da Armada”, há a disposição do Capítulo III “Duelos de astúcia”; Capítulo IV “O golpe de Custódio de Melo – Astúcia de Floriano – O leque da bomba centrífuga”; Capítulo V “O papel das esquadras estrangeiras”; Capítulo VI “Início da intervenção estrangeira”; Capítulo VII “O Rio de Janeiro, “cidade aberta””; Capítulo VIII “O Rio de Janeiro, “cidade fechada””; Capítulo IX “A agonia da revolução – O assalto à Armação – O ataque legalista – Chegada do Aquidabã – A esquadra legal – Prisoneiro na Guanabara – Capitulação”; Capítulo X “O asilo nas corvetas portuguesas – Estado da Mindelo e da

Affonso de Albuquerque”; Capítulo XI ““Fomos bigodeados” – Rompimento com Portugal”.

Na segunda parte, os capítulos que se perfazem são Capítulo XII “O homem e o militar – O golpe de estado de Deodoro”; Capítulo XIII “Saldanha no Itamaraty”; Capítulo XIV “Ainda o homem e o militar”; Capítulo XV “O golpe de Melo e a neutralidade de Saldanha”; Capítulo XVI “O monarquismo de Saldanha”; Capítulo XVII “Estratégia de Saldanha – Identificação com o federalismo”; Capítulo XVIII “Apuros de um Ministério”; Capítulo XIX “Rebelião e fuga dos asilados”; Capítulo XX “Viagem à Europa – Uma nova “carrapata””. Capítulo XXI “Invasão do Rio Grande – Campo Osório – Na ponta de uma lança”.

Na terceira parte, há Capítulo XXII “A doutrina de Monroe e a Revolta da Esquadra”; Capítulo XXIII “Os estranhos processos do Sr. D’Aubigny”; Capítulo XXIV “Intervenção de Rothschild na Revolta da Armada”; Capítulo XXV “Floriano e Rio Branco”; Capítulo XXVI “Intervenção inglesa na revolta”; Capítulo XXVII “Verso e reverso”; Capítulo XXVIII “Uma aventura na Guanabara”; Capítulo XXIX “Um estranho convite”; Capítulo XXX “Incidente com a Itália”; Capítulo XXXI “O sargento Silvino”; Capítulo XXXII “O direito de asilo no Brasil”; Capítulo XXXIII “A questão da beligerância”; Capítulo XXXIV “Uma lenda a menos”.

Na quarta e última parte, os capítulos são Capítulo XXXV “Relações com o Corpo Diplomático”; Capítulo XXXVI “O conde de Paço d’Arcos”; Capítulo XXXVII “Um tratado de comércio rumoroso”; Capítulo XXXVIII “Da queda de Deodoro à ascensão de Floriano”; Capítulo XXXIX “Revolta da Esquadra – Prelúdio”; Capítulo XL “Revolta da Esquadra – Fase de Custódio de Melo”; Capítulo XLI “Revolta da Esquadra – Fase de Saldanha da Gama”.

De modo geral, essas partes são dependentes umas das outras, porque o texto se inicia discutindo o nascimento da nova República no Brasil, substituindo os anos de domínio lusitano-monárquico. Ao longo das argumentações tecidas pelo diplomata, fala-se de Floriano, do modo como os Estados Unidos interviram diplomática e militarmente em prol de Floriano e contra a amotinação da Marinha, do perfil daqueles que ameaçaram a ordem republicana; da capital como alvo da destruição, da capitulação dos revoltosos e do rompimento de laços com a antiga metrópole.

O escrito cumpre com seu desiderato, já que contribui para conhecimento e divulgação da história da diplomacia brasileira, memória sempre restrita aos gabinetes das chancelarias. Nesse sentido, verifica-se, nele, uma nuance audaciosa, um verdadeiro

achado historiográfico, que pontifica que o papel de Floriano à frente da administração republicana lhe subtraiu esforços ruidosos, muito embora esse tenha sido um grande artífice da conformação e da salvaguarda da República, perspectiva que encontra ressonância no pensamento do diplomata, o que não converge, por exemplo, para a sensibilidade de homens como Joaquim Nabuco, defensor da monarquia, portanto um crítico do Marechal de Ferro.

A narrativa, enfim, é interessante e rica em informações sobre o período, bem como sobre as manobras políticas, diplomáticas e militares de Floriano e das nações que vieram ao “socorro” do Marechal. Brilhantismo e substancialidade são aspectos que conformam o traçado do texto e abordagem dos assuntos relacionados à Revolta da Armada. Evidentemente, é uma obra que deve ser conhecida por aqueles que se interessam pela história diplomática nacional, bem como pela condução e evolução da política externa brasileira, uma vez que foi durante os anos iniciais da república que homens como o Barão do Rio Branco produziram discursos e propostas de consolidação da República em seus vários ângulos. A República, desse modo, pode ser percebida como herança do Marechal de Ferro, conforme o pensamento de Corrêa da Costa.